

ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM AMBIENTES VIRTUAIS E PRESENCIAIS: UMA COMPARAÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA

ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE INGLÉS EN LÍNEA Y PRESENCIAL: UNA COMPARACIÓN DURANTE Y DESPUÉS DE LA PANDEMIA

ENGLISH TEACHING AND LEARNING ONLINE AND IN-PERSON: A COMPARISON DURING AND AFTER THE PANDEMIC



Bruna Rodrigues FONTOURA¹
e-mail: brunar.fontoura@gmail.com



Rubens Fernando Mendes da SILVA²
e-mail: rubensl@outlook.com

Como referenciar este artigo:

FONTOURA, B. R.; SILVA, R. F. M. Ensino-aprendizagem de língua inglesa em ambientes virtuais e presenciais: Uma comparação durante e após a pandemia. **Rev. EntreLinguas**, Araraquara, v. 10, n. esp. 1, e024016, 2024. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v10iesp.1.18777>



| **Submetido em:** 07/12/2023
| **Revisões requeridas em:** 11/03/2024
| **Aprovado em:** 07/04/2024
| **Publicado em:** 28/05/2024

Editora: Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos – MG – Brasil. Docente do Departamento de Letras e Linguística (UEMG). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG).

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos – MG – Brasil. Discente do curso de Biomedicina (UEMG).

RESUMO: O domínio da língua inglesa é essencial para o desenvolvimento acadêmico e inserção no mercado de trabalho. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi comparar dois projetos que disponibilizaram um curso de inglês on-line durante a pandemia e de forma presencial para a comunidade interna e externa da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em Passos, Minas Gerais. Assim, foram elaborados dois cursos de inglês, níveis básicos em 2021 e 2022 e pré-intermediário em 2022, com aulas que visavam promover o aprendizado do idioma aliado à exposição cultural. As aulas foram ministradas semanalmente on-line em 2021 e nas dependências da universidade em 2022. A elevada quantidade de inscrições indica a necessidade de adaptações para atender um público mais amplo. No entanto, cursos de idiomas de longa duração frequentemente enfrentam altas taxas de evasão. Para mitigar essa questão, recomenda-se que as futuras ofertas do curso incluam aulas em diversos horários, mais opções de níveis e variadas modalidades.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária. Língua inglesa. Curso de inglês.

RESUMEN: El dominio del idioma inglés es esencial para el desarrollo académico y la inserción en el mercado laboral. En este contexto, el objetivo de este estudio fue comparar dos proyectos que ofrecieron un curso de inglés en línea durante la pandemia y de manera presencial para la comunidad interna y externa de la Universidad del Estado de Minas Gerais (UEMG) en Passos, Minas Gerais. Por lo tanto, se desarrollaron dos cursos de inglés, niveles básicos en 2021 y 2022 y pre-intermedio en 2022, con clases que buscaban promover el aprendizaje del idioma junto con la exposición cultural. Las clases se impartieron semanalmente en línea en 2021 y en las instalaciones de la universidad en 2022. La alta cantidad de inscripciones indica la necesidad de adaptaciones para atender a un público más amplio. Sin embargo, los cursos de idiomas de larga duración a menudo enfrentan altas tasas de deserción. Para mitigar este problema, se recomienda que las futuras ofertas del curso incluyan clases en varios horarios, más opciones de niveles y diversas modalidades.

PALABRAS CLAVE: Extensión Universitaria. Idioma en Inglés. Curso de inglés.

ABSTRACT: Mastery of the English language is essential for academic development and job market integration. In this context, the aim of this study was to compare two projects that provided an online English course during the pandemic and in-person for the internal and external community of the State University of Minas Gerais (UEMG) in Passos, Minas Gerais. Thus, two English courses were developed, basic levels in 2021 and 2022, and pre-intermediate in 2022, with classes designed to promote language learning combined with cultural exposure. The classes were conducted weekly online in 2021 and at the university premises in 2022. The high number of registrations indicates the need for adaptations to accommodate a broader audience. However, long-term language courses often face high dropout rates. To mitigate this issue, it is recommended that future course offerings include classes at various times, more level options, and various modalities.

KEYWORDS: University Extension. English language. English course.

Introdução

Aprender uma língua adicional (LA) pode ser uma tarefa muito enriquecedora, mas também muito desafiadora. Existem diversos motivos que levam um indivíduo a aprender um novo idioma, como o crescimento acadêmico e profissional. Nestes casos, a língua estrangeira moderna mais difundida e cobrada na sociedade brasileira na atualidade é o inglês. Nas universidades, podemos observar que existem diversas áreas do saber em que pesquisadores brasileiros publicam massivamente em inglês, tal como saúde e computação. Para esses pesquisadores, é crucial compartilhar com toda a comunidade científica global as suas descobertas, não se restringindo apenas aos brasileiros. Em grandes empresas, é comum haver a necessidade de se comunicar com as filiais fora do território nacional, portanto, é preciso que os funcionários saibam uma língua em comum, tipicamente, o inglês.

No entanto, devemos nos questionar se aprender uma LA deve estar unicamente voltado para os estudos e para o trabalho (Masi, 2000). Aprender uma língua é aprender também uma cultura. Durante o processo de aprendizagem de uma LA, os aprendizes são expostos a um novo universo de possibilidades que vão desde música, filmes, séries, livros a costumes próprios daqueles falantes nativos. Deste modo, é essencial que os aprendizes tenham acesso à língua em sua totalidade para não ficarem restritos a apenas uma das quatro habilidades: leitura, escrita, escuta ou fala (Paiva; Sena, 2009).

Apesar da crescente necessidade de se aprender a língua inglesa, os desafios encontrados por milhares de aprendizes da língua inglesa são inúmeros. No ambiente escolar, as dificuldades começam desde a situação precária em que os alunos enfrentam quando a língua inglesa é obrigatoriamente introduzida no sexto ano do ensino fundamental até o momento em que o conhecimento linguístico do inglês será avaliado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (Souza; Dias, 2018). Após o ingresso na universidade, o cenário não parece ser mais favorável, já que existem poucas oportunidades para os alunos aprenderem o inglês.

Considerando os diversos benefícios e dificuldades da aprendizagem da língua inglesa, decidimos implementar um curso de inglês que ajudasse a sanar a falta de possibilidades para a aprendizagem da língua. Foi desenvolvido um curso de inglês on-line durante a pandemia da COVID-19 em 2021 e, subsequentemente, um formato presencial em 2022, destinados tanto à comunidade acadêmica quanto ao público externo da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Passos (UEMG-Passos). Na pandemia, o curso de inglês foi implementado a partir do projeto intitulado “PROJETO GO GLOBAL: CURSO ONLINE DE INGLÊS ELEMENTAR

PARA ALUNOS E POPULAÇÃO” aprovado no Programa Interno de Incentivo à Extensão (PROINE) no Edital n.º 1/2021 da UEMG. Presencialmente o curso com dois níveis distintos (básico e pré-intermediário) foi desenvolvido a partir do “Projeto CLI: Curso de Língua Inglesa” contemplado no Edital n.º 1/2022 do Programa de Apoio a Projetos de Extensão da UEMG (PAEx/UEMG).

Nosso objetivo é refletir sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa on-line e presencial por meio dos dois projetos. Para tanto, nas próximas seções, propomos explicar a diferença que existe ao adquirir e aprender uma LA, em seguida, descrever como a aprendizagem autônoma pode beneficiar os aprendizes e como essa autonomia pode ser executada por meio da tecnologia disponível. Após a apresentação desse referencial teórico, vamos narrar os projetos e discuti-los. Para finalizarmos, passaremos às considerações finais.

Aprendizagem ou aquisição de Língua Adicional (LA)

Aprender e adquirir uma língua adicional (LA) podem parecer conceitos sinônimos, entretanto, não são. Krashen ([1982] 2009) preconiza que existem duas formas diferentes e independentes pelas quais os adultos desenvolvem competência em uma LA, também conhecida como hipótese da distinção aquisição-aprendizagem. A primeira é a aquisição da linguagem, que se assemelha muito ao modo como as crianças adquirem a língua nativa. Mais especificamente, a aquisição da linguagem é subconsciente, de forma que os aprendizes geralmente não estão conscientes das regras subjacentes da língua. No que concerne ao processo de aquisição da linguagem, este é análogo tanto na língua nativa como na adicional, no sentido de que necessita de interação em ambas as línguas. Nestas situações, os falantes preocupam-se sobretudo com a mensagem e não com os aspectos formais. A segunda forma de desenvolver competência em uma LA refere-se à aprendizagem da língua, também chamada de aprendizagem explícita, isto é, a obtenção de uma língua conscientemente; em outras palavras, conseguir falar sobre as regras da língua.

Dado o cenário de aprendizado tardio de uma LA por brasileiros, é relevante considerar que há diferenças na aquisição e na aprendizagem de uma LA. Assim, é pertinente ponderar que a aprendizagem de uma LA em um contexto não imerso, fora da comunidade linguística da língua alvo, pode oferecer alguns desafios. Agora que conseguimos estabelecer a diferença

entre aprendizagem e aquisição de uma LA, discutiremos o contexto de aprendizagem de uma LA no Brasil, mais precisamente, da língua inglesa.

Ensino-Aprendizagem de Inglês como Língua Adicional no Contexto Brasileiro

Apesar da Lei n.º 13.415/2017 ter alterado a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e assegurado a obrigatoriedade da língua inglesa desde o 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio (Brasil, 2017), essa obrigatoriedade não trouxe consigo a garantia de que esse ensino-aprendizagem ocorresse eficientemente. Infelizmente, existe uma segregação em relação ao ensino-aprendizagem do inglês, já que apenas as classes mais dominantes apresentam os recursos necessários para ter acesso a essa língua. Podemos perceber que o ensino e a aprendizagem da língua inglesa em nosso país denotam prestígio social ao invés de um direito do cidadão. Ao diferenciar direitos e privilégios, não podemos nos esquecer de que privilégios separam as pessoas ao passo que direitos igualam. Quando excluimos uma parcela da população de um ensino de qualidade da língua inglesa, estamos negando oportunidades que viriam com o acesso a esse tipo de conhecimento. Deste modo, precisamos pensar no ensino de língua inglesa de forma mais incluyente para não manter os privilégios conferidos a alguns, mas assegurar os direitos de todos (Leffa; Botelho, 2009).

Neste mundo globalizado, perpetua-se uma cultura competitiva e excludente. Criar uma lei com a obrigatoriedade do ensino de língua inglesa não significa que a língua será efetivamente ensinada/aprendida, por isso precisamos criar mecanismos para que esse direito não fique mascarado sob uma falsa inclusão. Devemos desmistificar alguns conceitos amplamente difundidos na sociedade que visam eternizar essas dificuldades encontradas pelos alunos menos favorecidos. Assim, é necessário conscientizar a sociedade de que até mesmo os alunos de classes mais baixas precisam deste tipo de conhecimento, muito embora tentem difundir a ideia de que ele nunca irá para um país onde o inglês é a língua nativa.

Aprender uma língua estrangeira é um modo de conhecer um novo mundo, considerando aspectos linguísticos e culturais. Os estudantes descobrem fatos relacionados à cultura dos países da língua alvo, mas também podem descobrir outros mundos. O inglês é usado como língua internacional para comunicar diferentes achados no campo das ciências. Grandes autores têm seus trabalhos traduzidos para o inglês para que mais pessoas possam estudá-los, temos o exemplo do estudioso brasileiro Paulo Freire. Adquirir um novo idioma

pode acarretar ascensão social, mas esse tipo de conhecimento também pode ser usado para o lazer. Devemos combater a ideia de que o aluno menos favorecido tem que adquirir conhecimento apenas para ser usado no trabalho (Masi, 2000). Quem aprende uma língua estrangeira pode usá-la para diferentes finalidades que vão desde a busca por melhores oportunidades a opções de entretenimento. Na era digital, grande parte da população tem acesso a plataformas de *streaming* para assistir filmes e séries. Além disso, vemos uma grande seleção de músicas de língua inglesa sendo tocadas nas rádios de todo país. Os aprendizes de língua inglesa podem ter contato com a língua de vários modos.

Precisamos combater o demérito da capacidade cognitiva do estudante, pois ele consegue aprender desde que lhe sejam oferecidas as condições necessárias para o aprendizado. Além disso, não podemos nos esquecer de que os alunos chegam à escola com vontade de aprender, é a sociedade que instaura a ideia de que o estudante não quer aprender e quais alunos conseguem aprender. O “currículo oculto” ensina às classes mais baixas a serem submissas enquanto ensina às mais dominantes seu papel de dominação (Silva, 1999). Por fim, não podemos esquecer do papel do professor de facilitador e sedutor. O professor fará mediação entre o conteúdo e o estudante, é através dele que essas dificuldades serão perpetuadas ou combatidas. Ele também cativará os alunos em relação àquele conteúdo (Leffa; Botelho, 2009). Um dos grandes papéis do professor é auxiliar o aprendiz a se tornar autônomo, ou seja, capaz de ser independente na sua jornada pela busca do conhecimento. Veremos mais como a aprendizagem autônoma pode beneficiar os aprendizes de LA.

Ensino-Aprendizagem Autônoma de Inglês como Língua Adicional

O desenvolvimento da autonomia parece ser uma das grandes metas a serem alcançadas por aprendizes de LA. Entretanto, é papel do professor proporcionar um ambiente para os alunos poderem construir e produzir conhecimento (Freire, 1996). Segundo Paiva e Sena (2009), há alguns requisitos a serem preenchidos/alcançados pelo professor para o aprendiz conseguir desenvolver a autonomia na aprendizagem da LA. Primeiramente, o professor que ministra a LA precisa dominá-la, caso contrário não será possível transmitir um conhecimento que o docente não detém.

Em seguida, é necessário refletir sobre a metodologia empregada nas aulas. Apesar do ensino de inglês como LA ser voltado massivamente para aprendizagem da leitura, tendo em

vista a necessidade de interpretação e compreensão de textos, como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para iniciar os estudos na graduação (Souza, Dias, 2018), Paiva e Sena defende que não cabe ao professor essa escolha. A língua deve então ser ensinada na sua totalidade para que os aprendizes não tenham seus desejos desconsiderados e possam usufruir de todas as possibilidades ao aprender uma LA. Aprender uma LA deve ser voltado a um propósito fora do ambiente escolar, seja escutar uma música, ver um filme, ou ainda conseguir se comunicar com um nativo daquela língua. Sendo assim, as aulas de LA não podem ser exclusivamente voltadas para a aprendizagem de leitura ou gramática. Paiva e Sena investigaram um *corpus* de narrativas de aprendizagem de LA e constataram que os alunos ficam entediados ao terem aulas somente voltadas ao ensino de tópicos gramaticais. Essa situação se agrava quando os alunos são forçados a memorizar regras gramaticais e a fazer exercícios repetitivos ano após ano.

A carga horária de aulas da LA nas escolas regulares é muito restrita, portanto, é fundamental despertar o interesse do aprendiz de transcender a aprendizagem na sala de aula. Segundo os depoimentos coletados por Paiva e Sena (2009), os aprendizes bem-sucedidos se envolvem em atividades com a LA fora do ambiente escolar. O professor pode ajudar os alunos a se engajarem no seu aprendizado ao tornar o ensino mais colaborativo e democrático. Isso pode acontecer ao deixá-los escolher dentre algumas opções de texto, música, material e atividades. Desse modo, as relações de poder são alteradas e os aprendizes se sentem ativamente parte da sua aprendizagem.

Ao ensinar-aprender uma LA, é necessário que os aprendizes tenham a oportunidade de ler textos autênticos, como em jornais e revistas, voltados aos seus interesses e adequados ao seu nível de competência na língua. É crucial que eles desenvolvam habilidades escritas na língua, desde a confecção de e-mails a formulários e cartões de felicitações (aniversário e demais datas comemorativas). Além disso, os aprendizes precisam ser estimulados a frequentar *chats* para praticar a LA em sua forma escrita e também oral. Discutiremos como o uso da língua pode ser implementado na seção seguinte e como a autonomia dos aprendizes pode ser fomentada com a orientação apropriada.

Ensino-Aprendizagem de Língua Adicional com o Uso de Tecnologias

Nesta era digital, está mais acessível aprender uma LA já que há muito material disponível on-line. Pode-se usufruir de plataformas de *streaming*, como *YouTube* e *Netflix*, para aprimorar as habilidades auditivas e é fácil encontrar muito material escrito. No entanto, há menos oportunidades para interações significativas com foco no uso da língua. Um exemplo de tecnologia digital para auxiliar a prática do idioma é o aplicativo de mensagens denominado *Tandem* (Clark, 2013). O nome do aplicativo antecipa sua finalidade porque *tandem*, em inglês, significa uma bicicleta com dois assentos e dois pedais; portanto, duas pessoas precisam de um esforço conjunto para atingir um objetivo (Souza, 2003, 2020). Por exemplo, se uma pessoa é falante nativa de português e deseja praticar inglês, ela será conectada a uma pessoa que é falante nativa de inglês e deseja aprender português.

Muito antes do lançamento do aplicativo em 2015, Donaldson e Kötter (1999) investigaram a aprendizagem em *tandem*, que visa promover o contato com a comunidade linguística-alvo e desenvolver a autonomia da aprendizagem dos alunos. O estudo deles possuía um grupo de alemães aprendendo inglês como LA e um grupo de estudantes universitários americanos aprendendo alemão como LA. Pelo menos um de cada grupo teve que interagir em uma plataforma de mensagens instantâneas. Os parceiros tiveram que colaborar e realizar tarefas na sua LA durante uma média de duas horas semanais durante catorze semanas. Esta colaboração cibernética oferece uma fonte autêntica de comunicação para aprendizes de uma LA, mas sem orientação adequada, pode perder o seu propósito e ser um subterfúgio para divagações (Souza, 2003, 2020). Assim, é fundamental proporcionar um ambiente onde os alunos possam desenvolver uma educação emancipatória (Freire, 1970). Os aprendizes podem estar mais engajados no processo de aprendizagem se tiverem um ambiente de aprendizagem ativo (Piaget, 1968; Vygotsky, 1978).

No estudo de Donaldson e Kötter (1999), os participantes foram encorajados a alternar entre inglês e alemão, mas também foram aconselhados a tentar usar cada língua durante cerca de trinta minutos, pois poderiam se beneficiar de uma exposição prolongada. Os falantes nativos da língua-alvo poderiam modelar e orientar os alunos de LA nas estruturas corretas. Além disso, os participantes deveriam realizar pelo menos dois projetos de uma lista selecionada e apresentá-los aos demais; isso garantiu que eles não perderiam de vista o objetivo. Os resultados sugerem que os participantes puderam aprender em um ambiente imersivo, semelhante a um cenário de aprendizagem de línguas imerso. As investigações envolvendo comunicação

mediada por computador (CMC do inglês *computer-mediated communication*) e aprendizagem de línguas assistida por computador (CALL do inglês *computer-assisted language learning*) podem oferecer uma oportunidade para o uso da língua-alvo.

O “Projeto Teletandem Brasil” de Telles e Vassalo (2006), realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), apresenta uma oportunidade para interações de LA. Eles usaram o *software* de mensagens instantâneas, *Messenger* (MSN), para implementar sua investigação. As ferramentas do MSN utilizadas foram *chats* síncronos para leitura e escrita, chamadas de voz para ouvir e falar, videoconferência para expressões faciais e reconhecimento de linguagem corporal e quadro branco para escrever e desenhar. Cada sessão poderia durar duas horas, sendo uma para cada idioma. Cada hora deveria ter três fases: (i) conversa livre entre parceiros durante cerca de trinta minutos; (ii) *feedback* do falante mais proficiente/nativo por cerca de vinte minutos; e (iii) avaliação compartilhada da sessão por aproximadamente dez minutos.

Os professores e alunos de pós-graduação supervisionaram as duplas. Este tipo de projeto pode fomentar o CMC e o CALL e, conseqüentemente, resultar no uso do inglês. A mídia tecnológica facilita a conexão entre pessoas de outros países, possibilitando condições de aprendizagem mais democráticas. Portanto, os alunos podem ter maior acesso à língua e à cultura da LA para desenvolver uma compreensão crítica, especialmente para aqueles que ensinam e pesquisam a LA.

O CMC e CALL podem ser muito úteis em tempos de adversidade. Durante a pandemia da COVID-19, as interações sociais presenciais não eram mais possíveis. Tivemos que encontrar alternativas para encontros presenciais, inclusive para as aulas. Nesse cenário, contamos com algumas ferramentas para troca de mensagens, como *WhatsApp* e e-mail, e precisávamos de outras plataformas que pudessem acomodar um número maior de participantes e tivessem mais estabilidade, como *Microsoft Teams*, *Zoom* e *Google Hangouts*. Embora Campos, Kami e Salomão (2021) tenham utilizado o *Zoom* para os encontros do Teletandem, a mediação acontecia no laboratório de línguas da UNESP após as sessões. Os participantes do projeto costumavam se reunir em torno de uma mesa e refletir sobre as interações com os pesquisadores, pois estes acreditam que a avaliação constante mantém o ambiente de aprendizagem no caminho certo.

Após o fechamento das universidades devido à pandemia, os pesquisadores tiveram que explorar outras possibilidades. Eles usaram o *WhatsApp* para tirar dúvidas em grupos de bate-papo e o *Zoom* para discussões em grupo. Eles perceberam que a mediação no *Zoom* provou ser a mais frutífera porque se assemelhava à mediação presencial. Porém, a mediação no

WhatsApp não era tão produtiva porque era um desafio manter um bom fluxo de interação e dividir a vez para que todos falassem. Cada grupo era composto por quatro ou cinco participantes, e as autoras argumentam que seria inviável ter grupos maiores. Os participantes também relataram ter problemas para acompanhar o número de mensagens no *WhatsApp* e se sentiram perdidos. Embora não estejamos mais em confinamento, este formato pode promover a participação de pesquisadores de outras universidades, fomentando a colaboração entre universidades e integrando as pessoas da área.

Vivenciando a pandemia tal como Campos, Kami e Salomão (2021), nosso “PROJETO GO GLOBAL: CURSO ONLINE DE INGL S ELEMENTAR PARA ALUNOS E POPULA O” em 2021 buscou oferecer um curso de língua inglesa on-line à comunidade interna e externa da Unidade Acadêmica de Passos da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Após a volta das aulas presenciais em 2022, reformulamos esse projeto para os encontros presenciais com um novo nome: “Projeto CLI: Curso de Língua Inglesa”. Na próxima seção, descreveremos os projetos.

Metodologia dos Projetos

Apresenta-se a proposta de um projeto para abrandar o problema da desigualdade linguística da comunidade acadêmica da UEMG-Passos. As aulas de inglês básico e pré-intermediário oferecidas pela UEMG propiciam a inclusão de indivíduos, seja no mercado de trabalho, seja na oportunidade de acesso à informação. A realização de um projeto extensionista, que combina pesquisa e ensino, possibilita que a comunidade tenha acesso à língua alvo a fim de solucionar ou diminuir desigualdades de acesso ao conhecimento. A prática de um curso de inglês por meio da extensão universitária pode ser considerada então um elemento para a democratização do conhecimento (British Council, 2014; Pedrosa, 2019).

Há diversos exemplos de trabalhos extensionistas de ensino da língua inglesa que atendem os estudantes universitários que precisam de formação em outro idioma e não possuem condições de acesso a cursos particulares, como, por exemplo, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na UNESP. Os resultados desses projetos demonstram formação de discentes aptos, os quais reportaram melhor rendimento nas disciplinas que necessitam da língua estrangeira. Enquanto proposta extensionista, evidenciou-se a capacidade do público em

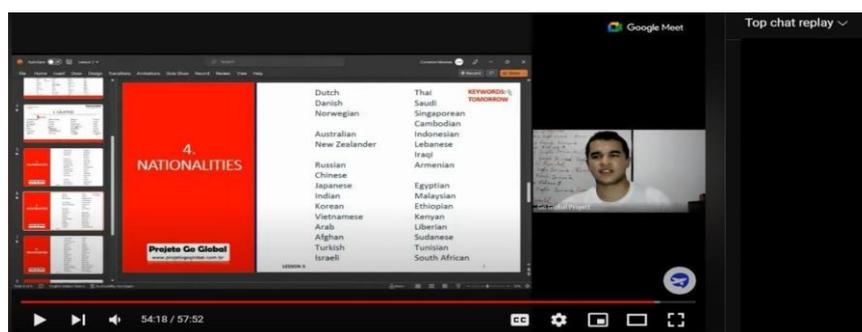
reconhecer a mudança de comportamento em relação ao aprendizado de idiomas (Ono, Gomes, 2018).

A seguir, elucidaremos todos os mecanismos e materiais que deram suporte ao curso de língua inglesa do “PROJETO GO GLOBAL: CURSO ONLINE DE INGLÊS ELEMENTAR PARA ALUNOS E POPULAÇÃO” realizado em 2021 e do “Projeto CLI: Curso de Língua Inglesa” executado em 2022.

Projeto Go Global: Curso on-line de inglês elementar para alunos e para a população

Este curso de nível elementar visou ministrar aulas on-line que promoviam o aprendizado da língua e o enriquecimento cultural. Após vinte dias de divulgação do curso, contabilizamos 2365 inscrições e todos os inscritos foram matriculados. As aulas tiveram início em 31 de maio de 2021 e se encerraram no dia 09 de dezembro de 2021³. Elas ocorreram duas vezes na semana via *YouTube*, em reuniões síncronas de duração de aproximadamente uma hora cada. Foram realizadas quarenta e cinco aulas de conteúdo. Na imagem abaixo, podemos observar como as aulas síncronas aconteciam.

Figura 1 – Exemplo das Aulas no *YouTube*⁴



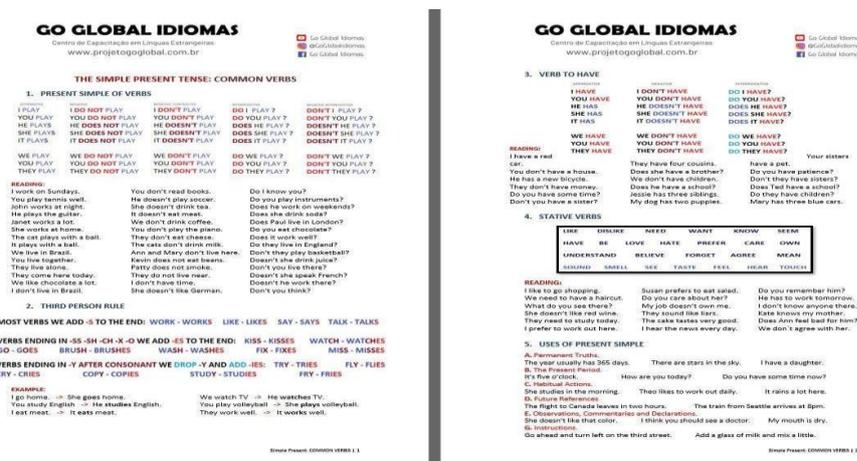
Fonte: Elaboração dos autores.

³ Cabe ressaltar que as aulas seguiram o calendário acadêmico da universidade e começaram na última semana de abril devido ao cenário atípico da pandemia. Além disso, projetos de extensão da UEMG devem ser aprovados em edital específico da universidade, neste caso o PROINE. Seguindo o calendário da universidade, as aulas tiveram uma interrupção para o recesso escolar de 01 a 24 de setembro e, conforme o Edital n.º 1/2021 do PROINE, o projeto deveria se encerrar em dezembro.

⁴ Optamos por omitir os nomes e fotos dos participantes.

A metodologia consistia em expor os alunos ao conte do gramatical e vocabular da li ão, trabalhando o conte do ministrado em exercícios orais, escritos e auditivos. O conte do das aulas do curso elementar abrangia conhecimentos fundamentais da língua inglesa, baseado no livro *English Vocabulary in Use Elementary with answers* (O'dell, Mccarthy, 2016), como pode ser visto na figura 2.

Figura 2 – Exemplo do Material



Fonte: Elaboração dos autores.

Após cada li  o, o aluno deveria resolver os exercícios on-line. Cada exercício continha aproximadamente quinze atividades de mltipla escolha no valor total de 100 pontos, como exemplificado na figura 3. Os exercícios on-line serviram para atestar a assiduidade e assimila  o do conte do pelo aluno, e para tanto, os participantes deveriam entregar os exercícios com pontua  o mínima de 70 pontos.

Figura 3 – Representação dos Exercícios On-line



Fonte: Elaboração dos autores.

Ao final do curso, houve uma revisão geral dos principais temas trabalhados durante as aulas e uma avaliação final objetiva acerca de todo o conteúdo ministrado. A avaliação final não interferiu na obtenção do certificado de participação, que ficou a cargo da assiduidade nas aulas e entrega dos exercícios on-line.

A avaliação escrita foi composta por quarenta questões de múltipla escolha sobre o conteúdo gramatical apresentado. Cada questão teve valor de 2,5 pontos. Esta avaliação teve a função de quantificar e qualificar o desenvolvimento dos alunos, o material elaborado e a metodologia utilizada durante o curso.

Receberam o certificado de participação os estudantes que tiveram, no mínimo, 75% de frequência na entrega de exercícios on-line ao final do curso. O certificado de participação foi emitido pela coordenadora do projeto e pelo aluno responsável por ministrar as aulas.

Apesar do alto número de inscritos (2365), apenas cinquenta e três alunos concluíram o curso de inglês. O grande número de interessados sugere que há a necessidade de ampliação da oferta de cursos gratuitos em língua estrangeira no Brasil, já que cerca de 77% dos inscritos são de diversas localidades do país.

Ademais, não tivemos verba para bolsistas nesse projeto. No início do projeto contávamos com outras duas voluntárias, que atuavam na confecção dos exercícios on-line, que tiveram que se retirar devido à necessidade de encontrar uma atividade remunerada. As alunas começaram o projeto muito animadas, mas a falta de uma bolsa acabou as desmotivando.

Projeto CLI: Curso de Língua Inglesa

Visamos oferecer uma aprendizagem e uma formação continuada em língua inglesa, considerando a oferta do projeto anterior. Para tanto, formulamos um curso com dois níveis distintos: um curso básico e um pré-intermediário de inglês. O nível básico buscou introduzir a língua inglesa para alunos que desejaram iniciar os estudos na língua. Já o nível pré-intermediário visou dar continuidade aos estudos daqueles que possuíam conhecimento prévio, seja os que começaram a estudar a língua inglesa em projetos anteriores promovidos pela instituição ou aqueles que estudaram em outros lugares.

As turmas de inglês se iniciaram em 25 de maio de 2022 e terminaram no dia 13 de dezembro de 2022. As aulas aconteceram presencialmente duas vezes na semana, sempre às segundas e quartas, das 17h às 18:40, exceto em feriados e recessos letivos, segundo o

calendário oficial da instituição. Ao total, foram realizadas cinquenta aulas. Podemos observar na figura 4 como era o espaço utilizado para as aulas na universidade.

Figura 4 – Exemplo das aulas presenciais⁵



Fonte: Elaboração dos autores.

Motivados por Paiva e Sena (2009), repensamos a nossa metodologia e decidimos adotar um material que possibilitasse o desenvolvimento integral das quatro habilidades: leitura, escrita, escuta e fala. A referência usada nas aulas do curso básico foi o livro *American English File 1 – Student Book* (Latham-Koenig, Oxenden, Seligson, 2013a) e usamos o livro *American English File 2 – Student Book* (Latham-Koenig, Oxenden, Seligson, 2013b) durante as aulas do curso pré-intermediário. As aulas expunham os alunos a recursos tais como vídeos, áudios e textos escritos para trabalhar o conteúdo de forma contextualizada.

Foram realizadas duas avaliações escritas e duas orais ao longo do projeto. Os estudantes que possuíram, no mínimo, 75% de frequência e 60% da pontuação nas avaliações receberam o certificado de participação, emitido pela coordenadora do projeto e entregue aos estudantes pelo bolsista responsável pela turma.

Embora tenhamos iniciado tanto o nível básico quanto o nível pré-intermediário com 60 alunos⁶, apenas cinco alunos concluíram o curso básico e oito o curso pré-intermediário. Entendemos que o grande número de evasão pode ser atribuído à duração do curso, já que

⁵ Também preferimos ocultar os rostos dos participantes e manter apenas o rosto do instrutor.

⁶ O nível básico teve um número superior de interessados, mas não possuíamos um espaço para acomodar mais alunos.

cursos com duração superior a três meses sofrem com a desistência dos alunos. Fatores externos, como, por exemplo, falta de tempo, excesso de trabalho, vida acadêmica e questões pessoais, comprometem o andamento do curso. Cursos em módulos menores com carga horária maior poderiam servir como uma alternativa. Além disso, a oferta de mais níveis (intermediário, avançado) e em diferentes modalidades (instrumental, pronúncia e conversação) poderia despertar o interesse de outra parcela do público, seja a que já possui conhecimento prévio no idioma ou não. O número de interessados indica a necessidade de ampliação da oferta de cursos gratuitos em língua estrangeira na unidade, já que contamos com interessados da comunidade acadêmica e da externa.

Além disso, não ter tido verba para mais bolsistas foi um grande empecilho. O mesmo bolsista para mais de uma turma ficou muito sobrecarregado. Idealmente, cada bolsista teria que ficar encarregado de uma turma.

Discussão

Os projetos *GO GLOBAL* e o CLI tiveram o objetivo de tornar a aprendizagem de língua inglesa mais acessível à comunidade interna e externa da UEMG-Passos (British Council, 2014; Ono; Gomes, 2018; Pedrosa, 2019). O primeiro foi realizado de forma remota com aulas síncronas on-line durante a pandemia em 2021 e o segundo presencialmente em 2022. Além disso, visamos oferecer uma aprendizagem e uma formação continuada em língua inglesa. Para tanto, a comunidade teve acesso a um curso básico/elementar (2021, 2022) e a um curso pré-intermediário de inglês (2022). No curso básico/elementar, os alunos foram introduzidos ao processo de aprendizagem da língua inglesa, enquanto no curso pré-intermediário, o objetivo foi dar continuidade à aprendizagem do inglês para aqueles que já iniciaram os estudos da língua inglesa previamente.

O primeiro projeto teve um escopo diferente do segundo, já que se concentrava principalmente no conteúdo gramatical e lexical próprios do nível elementar – baseado em O'Dell e McCarthy (2016). Após grande reflexão, reconhecemos que isso pode ter desmotivado alguns aprendizes. Começamos o projeto com 2365 inscritos e terminamos com cinquenta e três. Tal como apontado por Paiva e Sena (2009), esse tipo de abordagem pode se tornar maçante. Não basta que o professor domine a LA, mas é também necessário escolher com cautela a metodologia, já que o papel do professor é ser facilitador e também sedutor (Leffa; Botelho, 2009). Deste modo, as aulas precisam ultrapassar os limites das salas, sejam elas

físicas ou virtuais, para que os interesses dos alunos sejam respeitados e assim, sintam-se estimulados a buscar por uma aprendizagem autônoma e bem-sucedida. É só através da educação autônoma que os aprendizes conseguirão continuar de forma independente o seu caminho pela busca e construção do conhecimento (Freire, 1996).

Considerando esse cenário, reformulamos o projeto *GO GLOBAL* para tentar solucionar essas problemáticas no projeto CLI. Adotamos um material reconhecido por contemplar as quatro habilidades: escuta, fala, leitura e escrita no nível básico (Latham-Koenig; Oxenden, Seligson, 2013a) e no pré-intermediário (Latham-Koenig; Oxenden; Seligson, 2013b). Contudo, pudemos perceber que a evasão continuou grande, já que dos sessenta ingressantes no nível básico, apenas cinco concluíram o curso e dos sessenta no nível pré-intermediário, finalizaram apenas oito.

Os oito aprendizes que terminaram o nível pré-intermediário manifestaram interesse em continuar os estudos na língua inglesa. Tivemos também outros interessados em cursar outros níveis. Assim, gostaríamos de explorar no futuro um projeto tal como a aprendizagem em *tandem* (Donaldson; Kötter, 1999; Telles; Vassalo, 2006; Campos; Kami; Salomão, 2021) que promove o uso da língua inglesa e a aprendizagem autônoma. Entendemos que esse tipo de projeto precisa da mediação de um estudioso para que a aprendizagem da língua inglesa não fique em segundo plano (Souza, 2003, 2020). Desta forma, é preciso que as sessões de uso da língua inglesa sejam bem definidas para cumprir um propósito pré-estabelecido.

Ademais, devemos considerar que os aprendizes dos projetos eram majoritariamente adultos, configurando em aprendizes tardios. Como vimos anteriormente, aprender uma língua estrangeira tardiamente é diferente de adquirir uma língua estrangeira (Krashen, [1982] 2009), principalmente no nosso cenário de aprendizagem não imerso. Dado o contexto de aprendizagem dos participantes do projeto, não podemos nos esquecer de que a aprendizagem em contexto formal se difere da aquisição em ambientes naturalísticos. Sendo assim, é importante que sejam fornecidos os meios para que os aprendizes desenvolvam proficiência na LA, sem isso, eles não conseguirão buscar por uma aprendizagem cada vez mais autônoma.

Considerações finais

Este artigo teve em vista contribuir para os estudos de ensino-aprendizagem de língua inglesa em ambientes virtuais e presenciais. Deste modo, fizemos uma comparação entre dois projetos de extensão que ofertaram o ensino de língua inglesa na UEMG-Passos. No primeiro projeto, as aulas foram conduzidas na modalidade remota e no segundo presencialmente. Entendemos que projetos que fomentam o ensino-aprendizagem de língua inglesa são cruciais, já que a barreira linguística pode limitar o crescimento acadêmico, o acesso ao mercado de trabalho e o crescimento pessoal do indivíduo. Oferecer um curso de inglês gratuito possibilita o acesso ao conhecimento à população de diferentes faixas etárias e condições socioeconômicas. Contribui também para o desenvolvimento acadêmico de estudantes, o enriquecimento cultural e a interação entre instituição de ensino e comunidade regional.

Esperamos que este estudo ajude a estimular futuros projetos que visem implementar o ensino de idiomas em universidades públicas brasileiras, sejam estes virtuais ou presenciais. Tendo este artigo como base, pesquisadores/professores poderão ponderar sobre a modalidade na qual as aulas serão ofertadas e a até mesmo sobre o material a ser adotado.

Os dois projetos tiveram inúmeras evasões; portanto, no futuro, gostaríamos de coletar dados para tentar compreender os motivos da evasão, sejam limitações pessoais dos participantes ou na nossa metodologia. Apesar do grande número de evasão em ambos os projetos, encontramos diversos interessados em se inscrever e, ainda, dar continuidade nos estudos da língua inglesa. Isso revela a necessidade da criação de políticas linguísticas permanentes para o oferecimento constante de língua inglesa nas universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 2017.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**. 1. ed. São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

CAMPOS, B. S.; KAMI, C. M. C., SALOMÃO, A. C. B. A mediação no Teletandem durante a pandemia da COVID-19. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. DT3, 2021. DOI: 10.26512/rhla.v20i1.36452. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/36452>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CLARK, M. Tandem – a great way to learn a new language! **British Council**, 2013. Disponível em: <https://learnenglishteens.britishcouncil.org/blogs/life-around-world/tandem-great-way-learn-new-language>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DONALDSON, R. P.; KITTER, M. Language learning in cyberspace: Teleporting the classroom into the target culture. **CALICO Journal**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 531- 557, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24147756>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon, [1982] 2009.

LATHAM-KOENIG, C.; OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **American English File 1 – Student Book**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013a.

LATHAM-KOENIG, C.; OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **American English File 2 – Student Book**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013b.

LEFFA, V. J.; BOTELHO, G. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In: LIMA, D. C. (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000

O'DELL, F.; MCCARTHY, M. **English vocabulary in use elementary with answers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

ONO, F. T. P.; GOMES, J. P. F. Internacionalização, letramento crítico e extensão: a experiência democrática do English-Club na UFMS/CPTL. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 61, p. 76–91, 2018. DOI: 10.28998/2317-9945.201861.76-91. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4211>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PAIVA, V. L. M. O.; SENA, A. E. L. L. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, D. C. (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

PEDROSA, A. B. R. O combate à desigualdade linguística no curso de letras-inglesas: um relato da extensão universitária. **INTERAGIR (UERJ)**, [S. l.], v. 1, n. 26, p. 68–72, 2019. DOI: 10.12957/interag.2018.39664. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/39664>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PIAGET, J. **On the Development of Memory and Identity**. 2. ed. Barre: Clark University Press, 1968.

SILVA, T. T. **Documento de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, R. A. Telecolaboração e divergência em uma experiência de aprendizagem de português e inglês como línguas estrangeiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 73-96, 2003. DOI: 10.1590/S1984-63982003000200004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/fHDWzF8JzsZXSFqtqVvMkYL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOUZA, R. A. **Jornadas por uma língua outra**. 2020. 113f. Memorial (Professor Titular) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2020.

SOUZA, R. A.; DIAS, E. M. Considerações sobre o Ensino de Leitura em Inglês como L2 a partir de um Estudo Experimental sobre o Reconhecimento Visual de Palavras. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2018. p. 376-420. DOI 10.25189/rabralin.v17i1.496.

Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/496>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TELLES, J. A.; VASSALLO, M. L. Foreign language learning in-tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. **The ESpecialist**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/1629>. Acesso em: 15 jul. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: PROGRAMA DE APOIO A PROJETOS DE EXTENSÃO DA UEMG - PAEx/UEMG via edital 01/2022.

Financiamento: PROGRAMA DE APOIO A PROJETOS DE EXTENSÃO DA UEMG - PAEx/UEMG via edital 01/2022.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não houve a necessidade de submissão ao conselho de ética.

Disponibilidade de dados e material: Os materiais estão disponíveis para consulta.

Contribuições dos autores: Bruna Rodrigues Fontoura – idealização, concepção e escrita do artigo; Rubens Fernando Mendes da Silva – escrita e revisão do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

